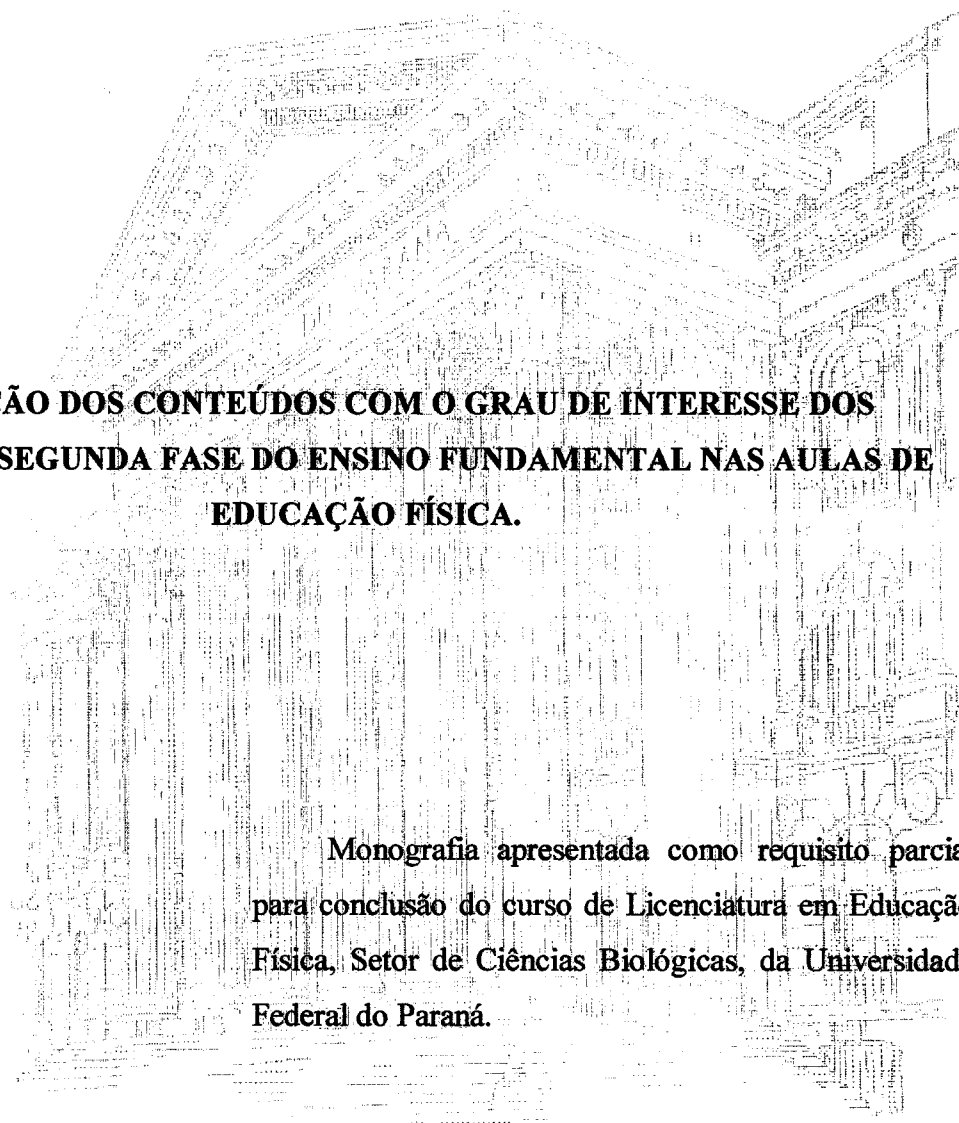


**FLAVIA BONTORIM**



**A RELAÇÃO DOS CONTEÚDOS COM O GRAU DE INTERESSE DOS  
ALUNOS DA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do curso de Licenciatura em Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade  
Federal do Paraná.

**CURITIBA**

**1999**

FLAVIA BONTORIM

A RELAÇÃO DOS CONTEÚDOS COM O GRAU DE INTERESSE DOS ALUNOS  
DA SEGUNDA FASE DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA.

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do curso de Licenciatura em  
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.

Prof<sup>o</sup> orientador: Mestre Marcus Aurélio Taborda  
de Oliveira.

CURITIBA

1998

ii

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais por todo o apoio que me deram, não só na universidade, mas em toda a minha vida, as minhas irmãs que sempre mostraram-se dispostas a me ajudar, aos meus amigos, aos meus professores que ajudaram-me nessa caminhada e especialmente ao meu orientador que sempre me ajudou com muita competência e carinho. Agradeço a todos vocês que de alguma maneira fizeram-me crescer como pessoa e como profissional.

Dedico esse trabalho à Paulo S. Orlandini, uma  
pessoa muito especial em minha vida.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1.0 INTRODUÇÃO.....	1
2.0 REVISÃO DE LITERATURA	
2.1 INSATISFAÇÃO NA ESCOLA.....	3
2.2 APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	8
2.3 A QUESTÃO DOS CONTEÚDOS.....	10
2.4 O ESPORTE COMO CONTEÚDO E O PRINCÍPIO DO DESEMPENHO PRODUTIVO.....	12
2.5 A INSATISFAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	13
3.0 METODOLOGIA.....	18
4.0 CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

## RESUMO

Esse trabalho trata especificamente da situação em que se encontra a Educação Física na escola. A insatisfação dos alunos em relação a uma escola “ultrapassada”, é um assunto que deve ser discutido com grande seriedade por todos aqueles envolvidos de alguma forma com o processo educacional.

Especialmente as aulas de Educação Física têm sido um alvo fácil e transparente de se observar a incompetência da escola que não evoluiu o suficiente para manter-se atrativa à sua clientela. O que tem ocorrido é uma verdadeira ausência de qualquer tipo de aula, ou então um trabalho que distorce o sentido da Educação Física na escola, trabalhando-a dentro de uma perspectiva tecnicista que prioriza o esporte como conteúdo, deixando de lado todo o universo rico da cultura corporal humana.

O que ocorre é que a maioria dos alunos não está decidido pelo rendimento esportivo, e é isso que a escola vem cobrando deles. Nesse contexto eles preferem abster-se da aula, sentem-se inferiorizados em relação aqueles que saem-se conforme os moldes de expectativa do professor, e transferem essa submissão e esse sentimento de impotência para sua vida cotidiana.

A Educação Física pode ser trabalhada dentro de uma outra perspectiva, e é isso que alguns raros professores vem fazendo. É possível que ela seja uma disciplina interessante, motivadora, e provocadora de transformações sociais coerentes com os objetivos aos quais ela se propõe.

## 1.0.INTRODUÇÃO

### 1.1.DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA:

No contexto escolar atual, é relevante a insatisfação dos alunos em relação à escola. Esta não consegue atender às expectativas e anseios dos mesmos. A inconsistência dos conteúdos que são muitas vezes pouco atrativos e mal relacionados com as experiências vividas pelos alunos e a maneira como são aplicados, podem ser o ponto crucial do desinteresse pelas aulas. Podemos constatar um crescente absenteísmo nas aulas de Educação Física, o que reflete uma escola desmotivante e fracassada. Os conteúdos que predominam nas aulas de Educação Física são os esportes, enquanto que a ginástica, a dança, os jogos e outros são negados, em prol da competição seletiva, que revela uma escola elitista e reforçadora da submissão e da dominação.

SOARES et alii (1992), coloca que o esporte é selecionado porque possibilita o exercício do alto rendimento e , por isso, as modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social, como, por exemplo, voleibol, basquetebol, etc.”

A questão principal é investigar quais são os motivos que levam ao desinteresse nas aulas de Educação Física, e de que maneira a seleção dos conteúdos e sua forma de aplicação podem mudar este quadro de desinteresse, para que a escola não se resuma a mera instituição obrigatória.

### 1.2.JUSTIFICATIVA:

A partir da constatação da crise em que vive a escola e dos problemas que estão levando à uma insatisfação cada vez maior, faz-se necessária uma reflexão acerca do sistema educacional, para que possam ser levantadas questões e a partir daí, inicie-se uma busca de propostas para a melhoria da qualidade e da competência escolar.

A educação de uma maneira geral está sofrendo uma crise, e de um certo ponto de vista essa crise é benéfica e até mesmo necessária, pois é a partir dela que terá início uma preocupação maior com a escola e com o que está se passando dentro dela.

Nesse âmbito da crise a que me refiro, encontra-se a Educação Física, que talvez possamos colocar como uma das áreas de maior conflito e necessidade de sérias reformulações. É um momento em que ela precisa provar sua relevância no processo educacional, pois o questionamento em torno de sua importância tem sido marcante. Mas para que ela possa afirmar-se como importante e necessária ela deverá impreterivelmente passar por transformações.

Esse trabalho é dirigido à todos aqueles envolvidos com o processo educacional, direta ou indiretamente, e tenho com esse trabalho a pretensão de um aprofundamento dessas questões as quais referi-me no texto acima, e a partir das discussões poder contribuir de alguma forma para um avanço da Educação Física escolar. É fundamental que esses princípios comecem a ser cada vez mais discutidos, e que os profissionais da área percebam-se no meio da crise, pois é por este caminho que talvez possamos nos afirmar como essenciais no trabalho com os seres humanos.

### 1.3. OBJETIVOS:

Esse trabalho é norteado pelo levantamento de questões primordiais, relacionadas ao grau de interesse dos alunos nas aulas de Educação Física, tais como:

- Descobrir se existe desinteresse nas escolas, e quais são os motivos que levam a ele;
- Investigar quais conteúdos de Educação Física estão sendo trabalhados com os alunos da 2ª fase do ensino fundamental (3º e 4º ciclos), e descobrir se estes conteúdos são significativos dentro da realidade das mesmas;
- Verificar se existe uma relação entre esses conteúdos e as expectativas dos alunos.

## 2.0.REVISÃO DE LITERATURA:

### 2.1.INSATISFAÇÃO NA ESCOLA:

Para os alunos, a escola está longe de ser uma satisfação, pois além de outras atitudes autoritárias esta tem uma tendência contínua a reprimir a movimentação dos alunos. Mas no que se refere à sua satisfação, existe uma questão que é muito incoerente. Apesar dos alunos não se realizarem aparentemente na escola, eles não procuram criticá-la para que possa ser transformada.

Pela experiência vivida por mim como aluna e como professora, pude observar que pelo contrário, estes preferem tomar uma atitude conformista, e não criam atrito, pois olham a escola como algo pelo qual eles “têm que passar”, como uma provação, uma obrigatoriedade para alcançarem o sucesso. Talvez essa indiferença e esse descaso sejam uma forma de resistência ao sistema de ensino, e a escola ainda não tenha percebido essa relação do desinteresse com a maneira fatigante que muitos professores ministram suas aulas.

Mas será que é esse o papel da escola? Deixar simplesmente que os alunos passem por ela, sem qualquer entusiasmo, com o objetivo único de serem aprovados, com boas notas. Essa atmosfera é, no mínimo, enganosa, pois a educação é um processo muito mais amplo que o simples repassar de conteúdos. Conforme nos indica SNYDERS:

Existem alunos que protestam contra a escola, às vezes rejeitam-na e são rejeitados por ela. Há principalmente, e são aqueles que mais me interessam no momento, estes milhares e milhares de alunos que gentilmente fazem seu trabalho, não se saem tão mal, mas vão à escola sem nenhum entusiasmo, como um empregado vai ao seu escritório.(SNYDERS, 1988)

Segundo BENJAMIN (1984), os estudantes não puderam dar forma à sua necessidade espiritual, e por isso nunca puderam fundar uma comunidade interessada e ansiosa pelo dever.

Para a grande maioria, a escola representa um processo seletivo, onde sentem-se acuados pelo medo do fracasso e da desvalorização. Isto porque a sociedade lhes cobra incansavelmente o sucesso. Diante dessas preocupações que assombram os alunos, como podem estes ver na escola situações de alegria ?

É essa seleção que também intimida muitos alunos à participação nas aulas, o medo

de não serem competentes.

SNYDERS(1976), coloca que a juventude interroga-se, interroga-nos sobre se por intermédio da escola, se prepara para se instalar numa sociedade que dela terá necessidade, que saberá apelar para ela, que lhe proporcionará o ensejo de manifestar as potencialidades de que se sente portadora.(p.133)

Diversas hipóteses são levantadas à respeito das altas taxas de absentismo nas aulas e abandono das escolas. Acredito que uma parcela considerável desses estudos tenha uma estreita relação com a repressão aos movimentos e à própria manifestação de alegria dentro da escola. Muitos professores e até mesmo os pais de alunos, acreditam que quanto mais rígida for a escola, melhor se formará o indivíduo.

Sob a visão de CAMARGO citado por MARCELLINO (1990), ... é um engano imaginar que as altas taxas de absentismo e abandono da escola, no Brasil, estão ligadas a alguma condição de subdesenvolvimento, pois o problema atinge da mesma forma os países desenvolvidos.

Considero esta afirmação muito extremista, pois num país como o Brasil, onde as crianças são obrigadas a deixar a escola para trabalhar, o subdesenvolvimento é determinante nas taxas de absentismo e abandono da escola.

ALVES, citado por MARCELLINO (1990), indaga se não será verdade que toda a nossa prática educacional se assenta sobre o pressuposto de que a criança é apenas um meio para se tornar adulto, e que cada corpo infantil brincante, deve ser reprimido para vir a ser um cidadão economicamente produtivo?

A escola tem uma visão de formação do homem produtivo; a criança é vista como um adulto em potencial. Muitos alunos recorrem à escola em busca de um desenvolvimento que os atrai, mas o imposto por ela suprime seus desejos, e até mesmo sua vontade de desejar. Passam então a enfrentar o medo do fracasso, e o conformismo de que certas coisas já são culturalmente determinadas e destinadas à sua condição social.

Comenta SNYDERS (1988), que o medo de tornar( ou continuar ) trabalhador, pequeno empregado substitui o medo do inferno – e quase não se progride em direção à alegria.(p.196)

O próprio aluno já tem uma consciência formada de que a escola será a sua garantia de sucesso e de um bom emprego futuramente, então seu interesse principal é o diploma adquirido no final de seu percurso, para o exercício de sua profissão, profissão esta que na maioria das vezes é acrítica e submissa. Segundo SARUP:

Atividade e trabalho são também criatividade quando envolvem o

poder humano de desenvolvimento positivo. Mas nem todo trabalho é criativo – o trabalho numa sociedade capitalista não contribui para o amadurecimento dos poderes do homem, sendo considerado como uma alienação. (SARUP, 1986, p.123.)

O ensino escolar pode ser uma forma de levar a criança a aceitar uma ideologia passivamente, e uma maneira de convencê-la desde cedo a aceitar o lugar que a sociedade lhe impõe.

O trabalho que o professor desenvolve com seus alunos, é determinante para que a escola torne-se ou reprodutivista ou transformadora<sup>1</sup>. A escola pode e deve tornar-se um espaço, que prepara seus alunos para agirem de forma ativa e crítica na sociedade.

O papel do professor é o de encorajar seus alunos a descobrirem seu potencial, suas capacidades, e principalmente a criarem suas próprias conclusões. Atualmente a escola tem assumido outra função, que não esta, segundo SNYDERS:

A verdadeira função do professor seria preparar à submissão do patrão, acostumando os alunos a obedecerem até a um regulamento que não compreendem e não admitem, acostumando os alunos a trabalhar sem ter o controle de sua própria atividade. A resistência dos alunos às obrigações escolares tornar-se-ia semelhante à resistência dos explorados à exploração...(SNYDERS,1988, p.214)

A escola como citado anteriormente, ou pode ser reprodutivista ou transformadora; e provavelmente a atitude que os alunos tomaram durante anos dentro da escola, será a que eles irão comportar na sociedade. Se lhes foi ensinado, que devem ser submissos, estes têm uma tendência a nos vários setores de suas vidas agirem dessa forma.

Partindo do princípio de que as experiências vivenciadas dentro da escola serão reproduzidas posteriormente; se ensinarmos aos nossos alunos a contestar, duvidar, e admirar-se com as coisas, é dessa forma que irão agir quando forem explorados, enganados e lesados em seus direitos.

O professor precisa conscientizar-se de que a escola deve contribuir significativamente na transformação da vida de seus alunos, e não apenas alojar quantas informações forem possíveis em suas cabeças, como se fossem “depósitos” de conteúdos.

SOARES (1992), fala que a escola tem privilegiado, historicamente,

---

<sup>1</sup> Entende-se por escola reprodutivista aquela que visa repassar os conteúdos de forma simples e acabada, como se fossem verdades imutáveis, e não levam o aluno a reflexão e à crítica, nem sequer fazem relações com o mundo e a sociedade atuais.

conteúdos escolares que se ligam diretamente ao mundo produtivo, julgando assim, aproveitar melhor o tempo da criança na escola, especialmente no ensino fundamental.(p.214)

Dentro desse contexto temos uma elitização do ensino que podemos exemplificar, no 2º grau<sup>2</sup> onde os desfavorecidos são despejados para as escolas profissionais, onde são preparados para continuarem exatamente na situação em que se encontram – de massa de manobra alienada. Em oposição a isto os jovens com maior poder aquisitivo, preparam-se em colégios muito bem estruturados, para entrarem na universidade. GRAMSCI coloca que:

“Na escola atual , graças à crise profunda da tradição cultural e da concepção da vida e do homem , verifica-se um processo de progressiva degenerescência: as escolas de tipo profissional , isto é , preocupadas em satisfazer interesses práticos imediatos , tomam a frente da escola formativa , imediatamente desinteressada. O aspecto mais paradoxal reside em que este novo tipo de escola aparece e é louvada como democrática , quando , na realidade , não só é destinada a perpetuar as diferenças sociais , como ainda a cristalizá-las em formas chinesas.” (GRAMSCI,1985, p.136).

Ainda que GRAMSCI tenha escrito isso há algum tempo atrás, suas afirmações encaixam-se perfeitamente dentro dos moldes das escolas atuais, o que revela uma evolução muito lenta da educação.

SAVIANI (1994), fala que no mais das vezes, encontram, em cada sala de aula, alunos revoltados, desanimados, cansados, descrentes, quase sempre preferindo-os cúmplices no “fazer de conta” que se ensina e se aprende, no deixar “passar de ano”, garantir o certificado!

O tema da satisfação na escola está estritamente ligado à política, pois as crianças provindas das classes exploradas, as quais sabemos bem, são as que constituem o batalhão do fracasso escolar. As crianças que triunfam na escola são as que anteriormente beneficiaram-se de um estilo de vida que as proporcionaram a aquisição de uma cultura fora do recinto escolar. Certamente essas crianças não são as de classes baixas.

“ E é ainda deixando-se arrastar pela ideologia oficial que a escola tende a excluir de seus limites a experiência da criança em geral , a

---

<sup>2</sup> O 2º grau não é o ponto central da minha pesquisa, mas foi utilizado como exemplo dentro do contexto.

riqueza da experiência das crianças do povo em especial. Na medida em que não resiste à pressão da ideologia dominante, a escola desliza para o autoritarismo; a palavra do professor não aceita a discussão, o bom aluno é o aluno submisso – e deste modo o preparam para a passividade e a dependência.” (SNYDERS, 1976, p.102)

A discriminação das classes populares, é feita pouco a pouco, mascarada, dissimulada. As crianças vão sendo “massacradas” em seu poder de crítica, convencidas de que são inferiores e nem sonham em questionar a escola, reivindicar dela a aventura da descoberta, a satisfação.

Relevante a citação de SNYDERS ( 1976 ), que diz: e são maciçamente as crianças do povo que serão assim marginalizadas sem conseguirem alcançar os diplomas mais prestigiosos, escolarmente e socialmente os mais rentáveis. A escola não contrariará a reprodução das classes sociais.(p.20).

A escola é aquela que vem mantendo uma maioria à margem da sociedade. Os alunos experimentam uma grande decepção quando percebem que a educação é traduzida a um modo de produção, alienante e desumano.

As expectativas que eles tinham antes de entrarem no sistema educacional, são naufragadas, e em seu lugar, entram o desânimo, a falta de interesse e a passividade. A satisfação é conquista possível, diz SNYDERS(1988), e cabe em primeiro lugar ao professor tornar-se “revolucionário”<sup>3</sup> e levar a sério o que ele deve ensinar.

Segundo SNYDERS ( 1976 ), a iniciativa pessoal, a capacidade e a alegria de assumir responsabilidades, de agir e de pensar por si próprio, de crescer e de dirigir o seu crescimento são incompatíveis com o sistema escolar. (p.123)

Os professores roubam do aluno a oportunidade de crescerem, à medida que valorizam como “bom aluno” aquele que é passivo, que decora impecavelmente a matéria, e nunca discute os porquês das regras que lhes foram impostas.

Para GRAMSCI (1985), ... um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos; ele desenvolverá – com escrúpulo e com consciência burocrática – a parte mecânica da escola, e o aluno, se for um cérebro ativo, organizará por sua conta e com a ajuda de seu ambiente social – a bagagem acumulada.(p.132)

RIBEIRO(1978), citado por CARMO(1985), diz que as estruturas de poder não são

---

<sup>3</sup> Entenda-se por professor revolucionário aquele que procura realizar um trabalho novo, mais dinâmico e coerente, contrapondo-se aquele que segue fielmente modelos ultrapassados.

nunca tão homogêneas e coerentes que consigam impor a vontade da classe dirigente a menos que o próprio professor se faça de cúmplice delas.

A responsabilidade do crescimento pessoal dos alunos, está nas mãos de cada professor. É o professor que deverá buscar alternativas, ser crítico e competente, e principalmente ter plena consciência da sua influência na vida de cada um de seus alunos.

## 2.2.APONTAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA:

Se fizermos um rápido resgate histórico de algumas fases pelas quais a Educação Física vem passando, constataremos que esta vem reforçando valores de produtividade, competição e seleção, contribuindo para uma escola desinteressante e pouco competente. A classificação que vou utilizar a seguir serve apenas como um parâmetro superficial para uma compreensão um pouco maior do contexto em que tem se inserido a Educação Física. Entenda-se que as afirmações colocadas refletem apenas uma tendência de época, segundo os autores pesquisados, portanto não devem ser encaradas como verdades absolutas.

Na Educação Física Militarista, os fortes eram premiados e os fracos eliminados, contribuindo para o processo de seleção natural (idéia de aperfeiçoamento da raça). Coerente com princípios autoritários, visava a formação do homem obediente e adestrado, e o objetivo central era atingir uma elite representativa, que pudesse servir como “máquina de rendimento”. Ainda hoje podemos encontrar resquícios dos princípios da Educação Física Militarista em nossas escolas.

A Educação Física Competitivista, semelhantemente à Militarista, continua glorificando os expoentes, brotados da prática desportiva “massificada”, para que o país possa ser presenteado com medalhas olímpicas. Essa concepção norteia-se basicamente pelo princípio do desporto de alto nível, e áreas como fisiologia, biomecânica, ganham um grande espaço e avançam muito cientificamente.

Em linhas gerais os governos tinham o objetivo de pacificar, acalmar os movimentos sociais com o desporto de alto nível, buscando assim uma forma de entretenimento da população. A lógica era que quanto mais tempo ocioso as pessoas tivessem, mais poderiam refletir sobre sua condição social, o objetivo era ocupar esse tempo com práticas esportivas para que tivessem à mão operários conformados com seu trabalho e mais saudáveis.

A marca registrada da Educação Física Competitivista é o culto ao atleta-

herói, a glorificação de ídolos esportivos, para alienar e acabar com problemas sociais.

Depois temos a Educação Física Pedagogicista, onde GHIRALDELLI (1989), cita que a ginástica, a dança, o desporto, etc, são meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto as riquezas nacionais, etc.

Essa concepção busca integrar a Educação Física ao ensino escolar, colocando-a como uma disciplina educativa. Podemos considerar esta concepção como um certo “avanço” em relação à Educação Física Militarista. A Educação Física torna-se a responsável dentro da escola por tudo aquilo que as outras disciplinas não podem cuidar, como jogos escolares, desfiles, apresentações, contatos com a comunidade, etc.

Ela preocupa-se em desenvolver aspectos como saúde, habilidades motoras fundamentais e o caráter nos indivíduos. Enfim, ela deve formar o cidadão!

Como podemos concluir através dessas escassas discussões, a Educação Física tem servido na escola para defesa de interesses maiores, por exemplo como analgésico para questões sociais graves como a fome e a miséria, e não para satisfazer o aluno em relação às suas expectativas e formar um ser capaz de interagir na sociedade em que se insere. GHIRALDELLI coloca que:

... o governo criou dois tipos distintos de Educação Física na rede escolar. Uma destinada às elites, ou seja, aos alunos que possuíam algum conhecimento prévio de determinado desporto e que deveriam integrar as turmas de treinamento. Outra Educação Física destinada aquilo que, com o passar dos anos, ficou conhecido como rebotalho, que eram os alunos não-iniciados desportivamente, e que continuavam nas turmas normais de ginástica. Essa legislação vigora até hoje e, certamente, não é preciso nenhum critério científico para percebermos que ela reproduz, no interior da aula de Educação Física, a perversa divisão classista da sociedade.

(GHIRALDELLI, 1989, p.44)

Essa colocação do autor é discutível do ponto de vista de que existia uma Educação Física diferenciada e portanto melhor para as elites. Se a marca da competitividade extremista, da superação do outro a qualquer preço, da desvalorização da solidariedade e da pobreza de conteúdos estavam presentes também nessa Educação Física à qual ele nomeou das elites, então ela não era melhor que a das classes desprivilegiadas.

### 2.3. A QUESTÃO DOS CONTEÚDOS:

Acredito que os conteúdos sejam hoje , um dos principais vilões da insatisfação na escola. Eles não caminham ao lado das expectativas dos alunos e muitas vezes não têm qualquer sentido ou coerência para eles.

Um argumento muito utilizado pelos educadores é o da famosa utilidade para mais tarde. Mas os alunos não compreendem porque estão aprendendo tal conteúdo , nem para que. Muitos deles realmente não serão utilizados.

SNYDERS (1988) , diz que se a escola não se fundamenta sobre o atrativo dos conteúdos , corre o risco de especular o temor. Temor de sanções imediatas e principalmente , temor de grandes fracassos tão frequentemente profetizados.

A Educação Física precisa trabalhar a cultura corporal numa relação histórico-social. Os conteúdos que são aplicados nas aulas de Educação Física já não correspondem mais aos interesses dos sujeitos , e de diferentes classes.

Na concepção de SOARES et al (1992) , o currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação , a interpretação , a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória.(p.28)

Os conteúdos devem garantir o conhecimento do que existe de mais moderno no mundo contemporâneo , e a seleção dos mesmos deve considerar um importante critério: sua relevância social. Podemos exemplificar da seguinte maneira, os professores continuam ensinando o voleibol, o futebol, o handebol e o basquetebol, deixando de falar à respeito de todo o resto que tem surgido de novo, ou mesmo do que já existe há muito tempo no universo da cultura corporal (tênis, street dance, ginástica artística, axé, capoeira, jogos, etc...), mas é negado aos alunos.

SOARES et al (1992) , argumenta que o conteúdo deve estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno , particularmente a sua condição de classe social.

O que podemos constatar nas escolas é a priorização do esporte como conteúdo , e este é aplicado de forma a selecionar os mais habilidosos , através de critérios tecnicistas<sup>4</sup>As várias funções que vêm sendo atribuídas ao esporte , desvirtuam-lhe de suas características

---

<sup>4</sup> Entende-se por critérios tecnicistas, aqueles que realizam a avaliação do aluno apenas pela sua performance esportiva sem levar em consideração qualquer outro aspecto, conceito esse baseado nas leituras realizadas para essa pesquisa.

básicas. Assim , aqueles que não são escolhidos como mais aptos , sentem-se acuados e desestimulados às aulas. CARMO (1985), coloca que :

...se quisermos criar uma Educação Física que tenha realmente atividades voltadas para a socialização, para o coletivo, é necessário desenvolver nos educandos novos interesses, exigindo-lhes não filas ou disciplinas rígidas, mas uma organização de trabalho de acordo com a idade e interesse. É preciso que a criança entenda os objetivos da Educação Física, para, a partir daí, criar por si mesma interesse e atração pelo esporte.(p.35)

O próprio autor fala de uma Educação Física menos estreita e mais aberta, promotora da socialização, mas contradiz-se ao resumir a Educação Física em “esporte”.

Através dos estágios realizados na disciplina de Prática de Ensino “B” e dos anos em que tive aulas de Educação Física, pude observar que a maioria dos professores divide seu planejamento em quatro bimestres, sendo um para cada esporte, geralmente o basquetebol, voleibol, futebol e handebol.

Segundo SOARES et alii (1992), um componente curricular com seu conteúdo específico justifica-se na medida em que contribui, enquanto parte, para a apropriação, pelos alunos, de uma totalidade de conhecimentos que lhes possibilita a leitura crítica do mundo que os cerca.(p.213)

Os conteúdos aplicados atualmente nas escolas , perderam seu significado e para a maioria dos alunos , não mantêm qualquer relação com suas vidas. Uma aula em que a função do professor resume-se em dividir os alunos em times, ensinar-lhes algumas regras, e contar os pontos não pode dar à Educação Física realmente nenhum crédito, nenhum argumento que a justifique na escola. Segundo o currículo básico municipal vigente na cidade de Curitiba:

O conteúdo vem a ser o conjunto de saberes sobre o corpo e suas diferentes formas de manifestação historicamente construídas nas relações sociais ; é representado pela ginástica , dança , jogo e esporte. Este é o conhecimento que se deve veicular no contexto escolar. Esse corpo de conhecimentos compreende os saberes da classe dominante (cultura erudita) e da classe trabalhadora (cultura popular). (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO , 1996 , p.7)

A partir de tais considerações , posso concluir que os conteúdos estão sendo mal selecionados , mal aplicados , e estão levando à insatisfação e absenteísmo nas aulas de

Educação Física. Muitos professores desvinculam a Educação Física da prática social, alguns dão a ela um cunho científico, ou seja, vêem a disciplina como se fosse uma “academia de ginástica”, que deve preparar seus alunos fisicamente, e dotá-los de muita saúde; outros a têm como a disciplina que serve para dar um “descanso” ao aluno de suas aulas dentro de sala, e chegam ao absurdo de ministrar as famosas “aulas livres”. CARMO (1985), coloca que:

Se fizermos uma analogia com o desenvolvimento histórico de outros conteúdos, tais como a Matemática, a Física, a química, ou a própria História, vamos observar que a Educação Física não acompanhou as modificações ocorridas nestas disciplinas, principalmente e, sobretudo, no tocante à sistematização e organização seqüencial do conteúdo veiculado.....poucos professores se preocuparam com a busca de novas metodologias de ensino para a Educação Física, ficando, a grande maioria deles, quer por problemas sociais, quer pôr problemas financeiros, reproduzindo fielmente o que tinham aprendido nas escolas superiores por onde passaram.(p.11)

GHIRALDELLI (1989), fala que o movimento humano não pode ser tomado como algo abstrato, regido exclusivamente pelo tecnicismo “neutro” da biomecânica ou da fisiologia, como querem certos “cientistas” da área, mas deve ser compreendido e estudado como intimamente ligado ao movimento social.(p.54)

A Educação Física foi levada a um extremismo, dentro de um contexto em que ela é vista somente sob o ponto de vista da saúde, dos benefícios fisiológicos, não sendo dada portanto, importância à sua função social.

#### 2.4.O ESPORTE COMO CONTEÚDO E O PRINCÍPIO DO DESEMPENHO PRODUTIVO:

Partindo do princípio de que vivemos numa sociedade produtiva, onde as pessoas lutam avidamente umas contra as outras para alcançarem seu “lugar ao sol” , podemos afirmar que o princípio do desempenho rege nossas relações sociais.

A aplicação privilegiada e predominante do esporte vem esvaziando a Educação Física dentro da escola, pois os conteúdos vistos na 5ª série serão os mesmos até o final do ensino médio, porém com grau de aprofundamento gradativamente maior. Que sentido tem para o aluno a prática repetida por anos a fio, sempre dos mesmos esportes? Qual é a função

do professor nessas aulas?

CARMO (1987), fala que se colocarmos um aluno de 5ª série do 1º grau, na 3ª série do 2º grau ou vice-versa, o aluno terá plenas condições de acompanhar os trabalhos e exigências da Educação Física. Este fato é o testemunho concreto da pseudo-Educação Física que hoje se faz.(p.42)

A Educação Física assume nesse contexto um papel secundário, “aquela que não faria muita diferença se não existisse”, e os próprios professores certamente já tomaram consciência desse fato, mas muitas vezes a falta de preparo e mesmo o comodismo, estacionam sua prática docente nesse caos.

BOURDIEU (1983), coloca que a escola é o lugar onde as práticas dotadas de funções sociais e integradas no calendário coletivo, são convertidas em exercícios corporais, atividades que constituem fins em si mesmas, espécie de arte pela arte corporal, submetidas à regras específicas, cada vez mais irredutíveis a qualquer necessidade funcional, e inseridas num calendário específico.(p.139)

E como ficam então aqueles alunos que não apreciam a prática desportiva, que não optaram por um esporte de rendimento? Segundo BOURDIEU, aparentemente o desempenho produtivo sempre exclui o prazer (p.146). Infelizmente, muitos professores da área conceituam a aula de Educação Física como um treinamento técnico, e arrancam o desempenho de seus alunos sob pressão, com ameaças e sanções.

ARAÚJO(1983), fala que a realização da competição, as emoções pela vitória ou derrota no esporte, têm conduzido os jovens para um perfeito equilíbrio de suas funções possibilitando aos professores moldarem os futuros homens de uma nação.(p.55)

Discordo plenamente dessa afirmação, pois como que um professor pode ter como objetivo moldar seu aluno? Isso é absurdamente repressor de qualquer tipo de iniciativa pessoal, de tomada de decisões próprias e capacidade crítica. Além disso, ao contrário do que afirma o autor, a prática de competições torna possível a vitória de poucos e a derrota de muitos, e isso pode contribuir de forma negativa na vida dos jovens, fazendo com que sintam-se impotentes e inferiores, reforçando sentimentos de baixa estima, não contribuindo obviamente para um perfeito equilíbrio de suas funções.

## 2.5. A INSATISFAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

A Educação Física vem passando por um momento muito sério de questionamento

de sua importância dentro da escola. Muitas escolas da rede particular em Curitiba-PR<sup>5</sup>, por exemplo, optaram pela realização das aulas de Educação Física em período contrário ao das demais disciplinas. CARMO (1985), cita que é geral a insatisfação com a ação pedagógica da Educação Física. Salvo raríssimas exceções, a grande maioria dos professores não consegue entender o caos em que está a Educação Física.(p.32)

Muitos alunos apresentam atestados médicos, declarações de trabalho (alguns até mesmo “forjados”), para não precisarem comparecer às aulas. Esse desinteresse provavelmente reflete uma aula massificante, com conteúdos mal selecionados e sem qualquer relação com a realidade social do educando. Esse quadro precisa ser transformado, e a Educação Física precisa revelar e provar sua relevância educacional. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), colocam que:

As características individuais e as vivências anteriores dos alunos ao deparar com cada situação constituem o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem das práticas da cultura corporal. As formas de compreender e relacionar-se com o próprio corpo, com o espaço e os objetos, com os outros, a presença de deficiências físicas e perceptivas, configuram um aluno real e não virtual, um indivíduo com características próprias, que pode ter mais facilidade para aprender uma ou outra coisa, ter medo disso ou vergonha daquilo ou ainda julgar-se capaz de realizar algo que, na realidade, ainda não é. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997,p.38)

A seleção dos conteúdos e a forma como eles são ministrados pelo professor, podem levar o aluno a sentir-se inferiorizado e intimidado à participação nas aulas, o que gera uma insatisfação e torna a escola retrógrada e desinteressante.

MAC LUHAN citado por SNYDERS (1988), fala que a escola deve ser fascinante a fim de poder competir com a publicidade, o “hit-parade” e a televisão.(p.186).

É preciso que se faça uma reflexão séria acerca dos conteúdos aplicados na escola, em prol de uma seleção dos mesmos, apoiada em critérios que garantam à Educação Física o desenvolvimento de valores determinantes para a qualidade de vida das pessoas.

Segundo OLIVEIRA (1993), a Educação Física escolar, não deve reproduzir modelos de super-estrutura. Ela tem sido a maior vítima dessa reprodução: uma neurótica luta contra os segundos e a favor dos centímetros.

CARMO (1987), coloca que especificamente em Educação Física que na atualidade

---

<sup>5</sup> Baseada em uma pesquisa realizada na disciplina de Metodologia do Ensino da Educação Física, na UFPR.

recebeu grande dose de modernização em sua estrutura básica, os rumos do ato de ensinar, concentram-se principalmente nos aspectos técnicos, ou seja, a ênfase técnico-metodológica fundamentada em bases fisiológicas e neurológicas, buscando sempre a perfeição dos gestos e movimentos, constitui a técnica. (p.44)

O movimento humano extrapola o tecnicismo, os benefícios fisiológicos e a aquisição de medalhas. Sua função é contribuir para a apropriação por parte do aluno, de uma gama de conhecimentos, que possam fazer dele um agente social transformador do mundo que o cerca. Sobretudo fazer com que o mesmo perceba seu potencial crítico, sua capacidade de interagir e produzir a história.

A ênfase na busca do talento esportivo e no aprimoramento da aptidão física, vem condicionando, em parte, a aula e o processo avaliativo, transformando a Educação Física escolar numa atividade desestimulante, segregadora e até aterrorizante, principalmente para os alunos considerados menos capazes ou não aptos, ou que não estejam decididos pelo rendimento esportivo.(SOARES et alii, 1992, p.99-100)

SAVIANI (1994), diz que atuar de acordo com os interesses populares passa por garantir que o conteúdo seja de fato valorizado e adequadamente trabalhado, a fim de que a educação cumpra a função técnico-política que lhe cabe: a de realmente dotar as massas populares dos instrumentos necessários a uma efetiva participação social.(p.18)

Garantir a aquisição desse conhecimento, passa por uma seleção criteriosa e competente dos conteúdos a serem aplicados na escola. Os currículos básicos apresentam como conteúdos a serem trabalhados: a ginástica, a dança, os jogos e os esportes. No entanto os professores e a própria escola parecem fechar os olhos para esse fato, dividem os esportes mais conhecidos e tradicionais em quatro bimestres e assim desenvolvem ao decorrer do ano, suas “aulas de Educação Física”.

Segundo SOARES et alii (1992), o ensino do esporte na escola se dá, exclusivamente, a partir dos parâmetros fornecidos pela instituição desportiva, ou seja, a partir de suas normas e regras. Se dá, portanto, nos limites que a técnica específica de distintas modalidades esportivas exige.(p.216)

Não estou fazendo aqui uma crítica a aplicação do esporte como conteúdo, mas sim ao trabalho único e exclusivo com o esporte nas aulas de Educação Física. O esporte, é uma fração do universo da cultura corporal, e pode ser trabalhado na escola dentro de uma perspectiva mais crítica e menos mecânica, contribuindo para mudanças qualitativas no indivíduo.

Essas mudanças qualitativas as quais refiro-me, estão vinculadas aos valores, ao modo de agir perante as situações, ao aumento da bagagem cultural, a percepção das relações do que está acontecendo à sua volta e da percepção de que as regras existem, mas que todas elas podem ser modificadas, e que cada um deles possui um potencial para isso. Refiro-me também as mudanças relacionadas ao aspecto físico e de saúde, como o entendimento da importância da prática de atividades físicas e o incentivo às mesmas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os conhecimentos sobre o corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene e atividade corporal e para o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitem compreendê-los como direitos humanos fundamentais.(p.30)

É de direito do aluno conhecer através da escola , o que existe de mais moderno e atual , e portanto todos os conteúdos citados no currículo devem ser desenvolvidos.

SOARES et alii (1992) , no que se refere ao esporte , fala que na escola , é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual , defendem o compromisso da solidariedade e respeito humano , a compreensão de que jogo se faz “a dois” , e de que é diferente jogar “contra” o adversário.(p.71)

Ao que posso observar em estágios e nas escolas em que trabalho, os professores têm que se utilizar do autoritarismo nas aulas , já que os conteúdos são desinteressantes e desvinculados da realidade ; se os mesmos fossem motivantes , menos mecânicos e se os professores conhecessem o currículo mais profundamente , as aulas talvez pudessem tornar-se mais próximas dos alunos. Mas o que vemos é uma aula que prega o egocentrismo , a aceitação de normas e muitas vezes visa o desenvolvimento da aptidão física em primeiro plano.

Para SOARES et al (1992) , desenvolver flexibilidade , agilidade , velocidade , coordenação , etc , isso é conteúdo da Educação Física escolar? Ou isso é o conhecimento que o professor deve ter para ensinar Educação Física?(p.218)

Muitos professores resumem seus planos de aula de modo que possam desenvolver lateralidade , equilíbrio , força entre outras capacidades , dentro de limites específicos e pré-determinados. Mas os currículos básicos consultados da Rede Municipal de Curitiba, e da Rede Estadual do Paraná, são bem claros quanto aos conteúdos que devem ser veiculados nas escolas. A questão intrigante então é por que os currículos básicos não são respeitados, já que são o parâmetro do professor? E mais importante ainda, por que eles não são

cobrados pelos nossos alunos? O que nós professores de Educação Física desejamos construir com nossas aulas? SOARES (1992), coloca que:

Desejamos que os alunos aprendam a ginástica em todas as suas formas historicamente determinadas e culturalmente construídas ; o fantástico acervo de jogos que eles conhecem confrontados com os que não conhecem ; a dança enquanto uma linguagem social que permite a transmissão de sentimentos e emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade , do trabalho , dos costumes , etc ; o esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal universal , e que se projeta numa dimensão complexa que envolve códigos , sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica. Assim a Educação Física deixa de ser vazia de conteúdo.”

(SOARES,1992,p.219)

### **3.0 METODOLOGIA:**

Os motivos que levaram-me a desenvolver esse trabalho estão diretamente relacionados à minha prática como professora e a minha inquietação com a situação desinteressante em que a escola se encontra.

Ao início desse trabalho, a idéia era de discutir amplamente sobre questões relacionadas à prática educativa dos professores de Educação Física na escola. Paralelo à esse enfoque dei grande ênfase na questão dos conteúdos relacionados à insatisfação na escola. A primeira idéia foi a realização de uma pesquisa bibliográfica acompanhada de uma pesquisa de campo. No entanto, a pesquisa de campo foi eliminada do contexto, por concluir que esta seria superficial e confusa, devido às limitações de tempo impostas pela disciplina, e portanto não acrescentaria um conhecimento maior e real ao meu trabalho.

Optei somente pela pesquisa bibliográfica, e à medida que fui realizando uma seleção dos livros, sempre norteada pelo meu orientador, fui fazendo um fichamento dos mesmos, de maneira que esse pudesse retratar a idéia central do autor e os fragmentos que pudessem auxiliar de alguma forma na minha pesquisa.

A partir disso fui desenvolvendo minha pesquisa através de leituras e diálogos riquíssimos com meu orientador, e o trabalho foi fluindo de uma maneira muito agradável, contribuindo decisivamente na minha formação como profissional.

#### **4.0 CONCLUSÃO:**

A Educação Física vem de uma história carregada de autoritarismo e fundamentada num tecnicismo absolutamente forte. Conforme os autores pesquisados, durante muito tempo na escola ela deu ênfase ao rendimento esportivo e foi esvaziando-se de um sentido próprio, acabando por transformar-se numa disciplina sem fundamentação sólida.

A prática educativa nas escolas encontra-se num verdadeiro caos, calcada num “cientificismo” falso, priorizando ou privilegiando exclusivamente o esporte como conteúdo. Isso vem causando uma grande insatisfação e desinteresse dos alunos em relação à Educação Física. O absentismo mostra claramente como as aulas de Educação Física estão incoerentes e desmotivantes.

A Educação Física encontra-se num contexto em que ou ela transforma-se e revela sua importância ou ela será gradativamente excluída dos quadros escolares, pois mostra-se desinteressante e os conteúdos aplicados na mesma são desvinculados da realidade, evidenciando uma parcela de seu fracasso.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BENJAMIN, Walter. A criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Summus, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In questão de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CARMO, Apolônio Abadio do. Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1985.
- GHIRALDELLI, Paulo. Educação Física Progressista. São Paulo: Loyola, 1989. Coleção "Espaço" (10).
- GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. São Paulo: Papirus, 1990.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros Passos(79).
- SARUP, Madan. Marxismo e Educação. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- SAVIANI, Nereide. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. São Paulo: Autores Associados, 1994.- (Coleção Educação Contemporânea)
- SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (Curitiba). Currículo Básico. Curitiba, 1996.
- SNYDERS, Georges. Alegria na escola. São Paulo: Manole, 1988.
- SNYDERS, Georges. Escola, classe e luta de classes. São Paulo: Moraes, 1976. Coleção Psicologia e Pedagogia.
- SOARES, et alii. In: GEBARA, Ademir. Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI. São Paulo: Papirus, 1992.
- SOARES, Carmem Lúcia & TAFFAREL, Celi N. Z. & VARJAL, Elizabeth et al. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.